

Petrobras quer ser uma das últimas produtoras de petróleo, diz Prates

Presidente da estatal mira exploração e expansão global e afirma que não fará 'transição louca' para energia renovável

NOVA YORK E SÃO PAULO (FINANCIAL TIMES) A Petrobras pretende ser um dos últimos produtores de petróleo do planeta, disse o presidente da empresa brasileira de energia, ao apresentar um plano de investimento de mais de US\$ 120 bilhões (R\$ 200 bilhões) concentrado na exploração e na produção de petróleo offshore.

Jean Paul Prates afirmou ao Financial Times que a maior empresa de petróleo e gás da América Latina considera uma nova onda de expansão internacional na Europa, na África Ocidental e nas Américas como parte de uma re formulação estratégica.

O grupo controlado pelo Estado também buscará estabelecer o Brasil como líder em energia eólica offshore, como parte de um impulso de diversificação para se preparar para a transição mundial para longe dos combustíveis fósseis, disse ele.

"Queremos ter condições de estar lá no final do declínio do petróleo. E, para isso, precisamos ter novas fronteiras abertas ou pelo menos acessíveis", disse Prates em Nova York, onde se encontrou com investidores para discutir um novo plano estratégico de cinco anos. "Precisamos manter o núcleo [do negócio] muito seguro. Não estamos fazendo uma transição louca."

Depois de vários anos vendendo ativos não essenciais para se concentrar em sua principal atividade de produção de gás e de petróleo em águas profundas, a Petrobras pretende novamente ser um grupo energético diversificado, de acordo com os desejos do presidente de esquerda Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Desde o retorno ao poder de Lula, que governou anteriormente entre 2003 e 2016, a empresa aumentou seu orçamento quinquenal em 34%, com quase três quartos dedicados à exploração e à produção. Também planeja retornar a áreas das quais tentou sair, como petroquímica, energia renovável e fertilizantes, juntamente com investimentos aumentados em refino e biocombustíveis.

A Petrobras, que tem uma capitalização de mercado de cerca de US\$ 120 bilhões (cerca de R\$ 200 bilhões), está buscando no exterior oportunidades ligadas a petróleo, gás natural e energia renováveis, novamente em conjunto com alguns de seus parceiros internacionais no Brasil, incluindo Shell e Equinor, disse Prates. Depois de ter se envolvido em grande parte das operações fora de águas profundas nos últimos dez anos, os locais para potenciais novos investimentos incluem Noruega, Reino Unido, Itália, África Ocidental e Guiana, de acordo com Prates.

No mês passado, a Petrobras começou a cumprir sua estratégia de expansão ao adquirir direitos de exploração em três blocos de petróleo operados pela Shell em São Tomé e Príncipe, na costa oeste da África. Também se associou à Shell e à China National Offshore Oil Corporation para garantir blocos de exploração no Brasil, em dezembro. No geral, a Petrobras planeja gastar US\$ 7,5 bilhões (mais de R\$ 12 bilhões) em exploração nos próximos cinco anos, perfurando 50 poços, principalmente em águas brasileiras. "Queremos usar essas [parcerias] como um amortecedor

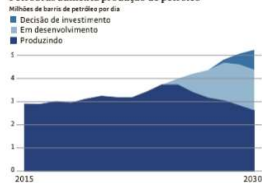


O presidente da Petrobras, Jean Paul Prates. Adalberto Marchetti - 29 de set. 2023/Reuters

“Queremos ter condições de estar lá no final do declínio do petróleo. E, para isso, precisamos ter novas fronteiras abertas ou pelo menos acessíveis. Precisamos manter o núcleo [do negócio] muito seguro. Não estamos fazendo uma transição louca”

Jean Paul Prates
presidente da Petrobras

Petrobras aumenta produção de petróleo



O presidente da Petrobras, Jean Paul Prates. Adalberto Marchetti - 29 de set. 2023/Reuters

para trocas estratégicas e trocas de experiências, mas também como investimento conjunto", disse Prates, que criticou a administração anterior da Petrobras sob o governo de Jair Bolsonaro por "sair de tudo".

Ele disse que a antiga liderança da Petrobras priorizava "superlucros" e "dividendos excepcionais" ao fazer tudo parecer bom e vendê-lo. Com a mudança de liderança, que seguiu o retorno de Lula ao poder no ano passado, a empresa voltaria a substituir reservas de petróleo e aumentar a produção, disse Prates, ex-senador e aliado político do presidente que tem experiência na indústria de energia.

No entanto, opositores do

riência como político e executivo de petróleo pode ajudá-lo a resistir à influência política explícita.

"Sempre tenho bons argumentos do outro lado para dizer [aos políticos]: 'Olha, isso não é uma entidade de administração direta' — você tem de fazer isso via conselho de administração", disse Prates. "Não preciso dizer isso nunca ao presidente Lula, por exemplo, porque ele sabe que ele nunca, nunca me disse nada sobre fazer isso, fazer aquilo." Os investidores têm apoiado a gestão sob Prates. As ações da Petrobras subiram 66% nos últimos 12 meses.

Schreiner Parker, analista da Rystad Energy, uma consultoria, disse: "Há uma ideia na comunidade de investidores de que os problemas do passado foram resolvidos e que há muito mais regulamentação e supervisão ocorrendo na Petrobras".

Aumento da produção no pré-sal, no Sudeste, está prestes a impulsionar o Brasil para os cinco maiores produtores de petróleo até o final da década, segundo analistas. Mas a busca por novos poços viáveis para sustentar a produção a médio e longo prazo tem decelerado ultimamente e a produção deve atingir o pico em 2029, segundo Marcelo de Assis, da consultoria Wood Mackenzie. "Ele tem um desafio na exploração para repor as reservas e o fluxo de dinheiro no futuro a partir do negócio mais lucrativo que eles têm", disse ele.

Na busca por novos poços, a Petrobras identificou uma área marinha de 2.200 km ao longo da costa norte do Brasil chamada margem equatorial.

A empresa recorre da decisão de órgãos ambientais, que negaram licença para explorar uma seção considerada a principal da região. Localizada a 350 km da foz do rio Amazonas, ativistas dizem que é uma área ecologicamente sensível. Prates disse que a Petrobras tem o dever com o povo brasileiro de repor suas reservas de petróleo.

"Se não explorar lá, você vai perguntar se vai ficar sem petróleo? De repente, você vai importar da Nigéria, de Angola. E melhor pagar impostos em seu próprio país do que ter o recurso lá."

Setor elétrico brasileiro tem menor emissão de CO₂ desde 2011

Nicola Pamplona

RIO DE JANEIRO A expansão das fontes renováveis de energia levou o setor elétrico brasileiro a registrar em 2023 o menor índice de emissões de CO₂ (gás carbônico) desde 2011, segundo dados compilados pelo MCTI (Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação). Na média do ano, o setor elétrico emitiu 0,238 tonelada de CO₂ por TWh (terawatt-hora gerado), ante 0,242 tonelada de CO₂ por TWh no ano anterior. Em 2021, foi 0,248 e, desde então, o indicador ultrapassou a casa de uma tonelada por TWh em três ocasiões de crise hídrica: 2014, 2015 e 2021.

A queda do indicador refletiu o cenário favorável à hidrelétrica e a expansão da geração eólica e solar, que reduziram a necessidade de acionamento de usinas térmicas, mais poluentes e mais caras. Segundo dados do ONS (Operador Nacional do Sistema Elétrico), as energias renováveis solar, eólica e hidrelétrica foram responsáveis por quase 90% dos 75,600 MW (megawatts) médios produzidos no sistema elétrico brasileiro em 2023.

As fontes solar e eólica batem recorde de geração, com 15,900 MW médios, crescimento de quase 50% em relação ao ano anterior. Com subsídios e grande apoio para consumidores industriais, as duas fontes têm experi-



Usina fotovoltaica flutuante na represa Billings, em SP, avança participação das energias renováveis. Eduardo Krieger - 24 jan. 2024/FolhaPress

mentado grande crescimento no país.

O potencial é destacado pelo governo como um dos diferenciais do país na corrida pela nova política industrial, com o apoio da Petrobras. Luiz Inácio Lula da Silva (PT). E usou também como argumento para o governo nos debates sobre a redução das

emissões de gases do efeito estufa, como ocorreu na COP28, realizada em Dubai no fim de 2023.

"O mundo já está convencido do potencial das energias renováveis", afirmou o presidente, em um discurso.

"É hora de enfrentar o debate sobre o ritmo lento da descarbonização do planeta e trabalhar por uma economia menos dependente de

combustíveis fósseis."

A área energética do governo e a Petrobras, porém, defendem a expansão da exploração de petróleo no país como uma maneira de garantir recursos para financiar a transição energética. Nesse sentido, a estatal ainda espera abrir novas fronteiras na margem equatorial e no litoral sul. O ritmo de expansão de energias renováveis deve se

manter acelerado no país nos próximos anos. Segundo a Aneel (Agência Nacional de Energia Elétrica), há hoje 107 usinas eólicas e 173 usinas solares em construção no país.

Outras 315 usinas eólicas e 2.877 usinas solares já obtiveram outorga, mas ainda não iniciaram as obras — não há garantia, porém, de que todas saiam do papel.

"O Brasil possui um dos melhores recursos solares do planeta", disse Ronaldo Kolesz, presidente do conselho de administração da Absolar (Associação Brasileira de Energia Solar Fotovoltaica), em nota divulgada nesta sexta-feira (16), que comemora a expansão do setor.

Esse fator, continua, "abre uma enorme possibilidade para a produção do hidrogênio verde (H₂V) mais barato do mundo e o desenvolvimento de novas tecnologias sinérgicas, como o armazenamento de energia e os veículos elétricos".

Por outro lado, há grande preocupação de organizações ambientalistas e ligadas a comunidades tradicionais da região Nordeste em relação aos riscos socioambientais dessa expansão, que hoje já é foco de uma série de conflitos.

Em janeiro, 39 entidades lançaram uma proposta de novas regras para autorizações de construção de parques de geração de energia eólica e solar no país, com o objetivo de debater mecanismos de proteção contra os impactos que esses projetos impõem aos territórios e aos seus habitantes.

"Embora carreguem o rótulo de energia limpa, a forma como as grandes usinas eólicas e solares e suas linhas de transmissão vêm sendo instaladas no Nordeste brasileiro está longe de ser insensível", diz o documento.